

CADERNO
DE EDUCAÇÃO



CIVILIZAÇÃO

BANU



Projeto de Extensão Pedagógica

**Caderno de
Educação do Ilê Aiyê**

Vol. 2 - A CIVILIZAÇÃO BANTU

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê

End. Rua do Curuzu, 233 - Liberdade
CEP: 40365-000 - Salvador - Bahia - Brasil
Telefax: (071) 241-4969

Diretoria:

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda) - Diretora
Antonio Carlos dos Santos Vovô - Presidente
Aliomar de Jesus Almeida - Vice-Presidente

Projeto de Extensão Pedagógica

Cademo de Educação do Ilê Aiyê
Vol. 2: A Civilização Bantu

Coordenação:

Arany Santana
Jônatas Conceição da Silva

Equipe de apoio:

Samuel Aarão Reis (Assessoria Geral ao Projeto)
Ana Célia da Silva
Jaime Sodré
Lindinalva Barbosa
Maria de Lourdes Cerqueira
Paulo César Cerqueira
Valdina Pinto

Capa e Ilustrações:

J. Cunha

Composição/Arte Final

Ernesto Oliveira

Impressão:

Press Color - Gráficos Especializados Ltda

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| "Pela cor do pano/Nota-se que sou africano" | 05 |
| O povo Bantu na idade do Ferro..... | 07 |
| Os principais Reinos da Civilização Bantu | 10 |
| Contribuições Político-culturais da Civilização Bantu no Brasil..... | 15 |
| As Canções do Ilê Aiyê..... | 26 |
| Referências Bibliográficas | 35 |



"PELA COR DO PANO/NOTA-SE QUE SOU AFRICANO"

Valter Farias e Adailton

Associados(as) e Amigos(as) do Ilê Aiyê:

O ano de 1995 foi muito significativo para a nossa Associação porque conseguimos por em prática, de uma forma produtiva e mais sistemática, os ideais educativos que norteiam o trabalho que desenvolvemos desde 1974.

Em 1995, ano do Tricentenário de Zumbi dos Palmares, começamos a desenvolver nas Escolas do Ilê Aiyê (Escola Mãe Hilda e Escola de Percussão Banda Erê) e nas Escolas das redes municipal e estadual do Curuzu-Liberdade o PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA.

Este projeto, idealizado e coordenado pelo Ilê Aiyê, fundamenta-se, basicamente, nos seguintes pressupostos:

1. que ao longo de 22 anos de atividades culturais e educativas o Ilê Aiyê produziu um extenso material informativo que pode ser utilizado em práticas educacionais;
2. que a utilização deste material, ao privilegiar o mundo cultural afro-brasileiro, torna o fazer educativo mais produtivo e mais próximo do cotidiano da população das nossas escolas.

Os resultados preliminares do Projeto são por demais significativos. Alunos, Professores e Diretores das escolas envolvidas na experiência relatam, com satisfação, os ganhos educacionais que o Projeto lhes proporcionou. Um pouco desta rica experiência estará sendo publicada nas futuras edições do CADERNO DE EDUCAÇÃO. Os trabalhos literários e plásticos do Concurso sobre os "300 anos de Zumbi dos Palmares e 21 anos do Ilê Aiyê" e a história da Civilização africana, através da religião, são exemplos desta experiência que muito em breve vocês terão acesso, nos próximos números do Caderno. O volume nº 1 do CADERNO DE EDUCAÇÃO, publicado

em 1995, trouxe à luz uma síntese da história das "Organizações de Resistência Negra" brasileiras, tema do nosso Carnaval daquele ano. Este volume nº 2 traz importantes informações e uma antologia de música sobre "A CIVILIZAÇÃO BANTU", tema do Carnaval de 1996. As principais contribuições político-culturais da Civilização Bantu no Brasil são apresentadas, de forma resumida, neste volume.

Com esta nova edição do nosso Caderno, estamos cumprindo, mais uma vez, os objetivos que sempre nortearam a nossa Associação: preservar e expandir os valores culturais africanos em nossa terra para que a população negra, com consciência de sua identidade étnica, lute por direitos políticos e oportunidades iguais no Brasil.

Salvador, janeiro de 1996
A Coordenação

1996 - ILÊ AIYÊ: 22 anos de Resistência e Ação Educativa.

1. POVO BANTU NA IDADE DO FERRO

O processo migratório dos BANTU é sem dúvida o mais importante processo de ocupação do continente africano.

Um dos motivos principais da migração dos BANTU foi a expansão da desertificação do Saara. Este fato provocou o processo migratório dos BANTU para a África Ocidental.

No século anterior à era cristã, na região dos Camarões (Golfo da Guiné) as comunidades aumentaram sua capacidade produtiva com a agricultura e o pastoreio. A concentração das populações nas áreas férteis também acabou gerando conflitos entre grupos, fazendo com que alguns migrassem em direção ao sul da África.

No processo migratório dos BANTU, uma parte concentrou-se no planalto de Katanga (no atual Zaire), outros localizaram-se perto da região dos Grandes Lagos e uma outra parte se dirigiu para para o sul junto aos Batwa e Khoïn.

No início da era atual da humanidade, alguns emigrantes BANTU que passavam pelo norte da Nigéria (região Nok) aprenderam com os grupos locais as técnicas do uso do ferro, transmitindo posteriormente o aprendizado aos que tinham emigrado antes, ao se contatarem novamente.

PRINCIPAIS ATIVIDADES DESSES POVOS

A caça, a coleta, a agricultura, o pastoreio, a pesca e a construção de moradia.

Uma classe importante no interior da estrutura BANTU era a dos ferreiros. Estes criavam as ferramentas necessárias aos camponeses, recebendo em troca alimentos. A intrusão da técnica do ferro possibilitou o aumento de produção para as trocas, implicando na elevação do nível de vida dos BANTU e, paralelamente, o aumento da força de trabalho e, conseqüentemente, uma nova emigração em busca de novas terras.

A procura de novas terras obrigou muitas vezes os BANTU a travar lutas não só com outras etnias, como também entre si; a unificação dos clãs em tribos era resultante, na maioria das vezes, do processo de conflito, daí a dominação de um clã sobre os demais.

Antes do fim do ano 1000, na bacia do Congo, surgem os primeiros estados BANTU: o Luba e o Congo em Angola e no Zaire, o Lozi na Zâmbia e em seguida no século 11 da era cristã, o Zimbabwe e o Monomotapa que surgiu do deslocamento dos zimbabweanos para o vale do Zembeze, região entre Moçambique e o Zimbabwe atualmente.

Os BANTU em sua trajetória migratória dividiram-se em 3 grandes grupos: BANTU ORIENTAIS - que se estende no norte de Uganda, no interior do Quênia, Tanzânia, Moçambique, Zimbabwe, chegando alguns ao norte do Lago Vitória. BANTU MERIDIONAIS - ao sul do Zembeze e do Cunene (Angola) ocupavam uma extensão de área que compreende o sul do Zimbabwe e Moçambique e parte centro-oriental da África do Sul e os territórios de Suazilândia, Botswana, Namíbia e Lesoto. BANTU OCIDENTAIS - ao norte do Cunene (Angola), do Oceano Atlântico até o Zimbabwe e a depressão dos Grandes Lagos, penetrando acima na República Popular do Congo e no sul dos Camarões.



*parte ao sul da África

METALURGIA - TECNOLOGIA AFRICANA

Por volta do ano 1000, um movimento considerável de populações trouxe à África Meridional* um povo agricultor negróide cuja economia, modalidade de povoamento e talvez mesmo aparência física e língua diferiam grandemente das dos antigos

habitantes. Foi esse povo que introduziu na área o conhecimento da metalurgia e da cerâmica.

É no quadro do complexo industrial da Idade do Ferro Antiga que um grande número de traços culturais de primordial importância faz sua primeira aparição na África Meridional. São eles: **a agricultura, a metalurgia, a cerâmica e as aldeias semipermanentes** constituídas por casas feitas de barro (daga) aplicado a arcabouços de varas e estacas (pau-a-pique).

A metalurgia parece ter sido introduzida como uma técnica acabada e eficaz numa área onde não há indícios de um conhecimento anterior dos rudimentos dessa tecnologia.



A Idade do Ferro antiga foi introduzida na África Meridional por um movimento de população rápido e substancial, portador de uma cultura plenamente acabada cujo processo formativo ocorreu em outros lugares.

Enormes quantidades de escória e lingotes de ferro vieram confirmar a prática da metalurgia do ferro extensiva nas vizinhanças imediatas.

Os utensílios de ferro ocorrem com uma frequência inabitual nos sítios da Idade do Ferro na Zâmbia, mas parece que o cobre era desconhecido. O ferro era usado para a manufatura de objetos como barbeadores, pontas de flecha, teclas de sanza (instrumento musical constituído por linguetas de ferro dispostas sobre um suporte de madeira; estas são dedilhadas com os polegares), facas, enxadas, machados e braceletes.

A metalurgia foi uma das principais contribuições que a África deu para a tecnologia mundial. A História prova que os povos africanos possuíam um estágio de desenvolvimento bem evoluído no que diz respeito às técnicas industriais. Nessa mesma época, a Europa do período da Idade

Média, possuía poucas cidades e tinha uma agricultura e artesanato rudimentares. Foi a intervenção criminosa do colonizador europeu que colocou a África num atraso secular de consequências maléficas que se refletem até hoje naquele continente. Os povos BANTU que vieram para o Brasil trouxeram este saber científico da utilização do ferro e outros conhecimentos tecnológicos que construíram este país. Sem a presença do trabalho e do saber científico do africano, o Brasil não teria condições de ser construído. ("Tecnologia do ferro/Conhecimento engenharia/sabedoria ancestral/BANTU Angola na Bahia"). ("Ilê Metal" de Alberto Pita e Aloísio Menezes).

2. OS PRINCIPAIS REINOS DA CIVILIZAÇÃO BANTU

BANTU - Conceito linguístico utilizado pelos europeus para classificar povos que utilizavam palavras mais importantes com as mesmas raízes de uma mesma família linguística.

Os Reinos da Civilização BANTU ficavam na região compreendida entre Camarões e Nigéria, Centro e Sul da África. Em toda essa região a palavra é a mesma para significar o conceito da pessoa humana MUNTU = pessoa, ser humano. O plural de MUNTU é BANTU. Daí o conceito da língua BANTU, povo BANTU.

Dadas as grandes migrações, houve muitos empréstimos culturais entre essas regiões, criando um complexo cultural de tradições mais semelhantes e com maiores afinidades.

A cultura BANTU significa a união de várias culturas que foram se construindo no interior das frequentes migrações entre as populações africanas tradicionais já organizadas nos grandes impérios.

ALGUNS DOS PRINCIPAIS REINOS DA ERA PRÉ-COLONIAL:

- Reino do Congo
- Bakongo
- Ndongo
- Luba
- Loango
- Kbungo
- Matamba

Há centenas de Reinos compreendidos nessa área denominada BANTU entre Camarões e Nigéria descendo para o Centro Sul, toda a África do Sul e Centro Sul a Leste.

A República dos Palmares (organização BANTU por excelência) - situada na outrora Capitania de Pernambuco, hoje Alagoas, que resistiu ao regime escravista de 1595 a 1695 - corresponde ao modelo de um desses reinos da área BANTU. A própria palavra Quilombo é de origem dos povos Mbundu e Jaga ou Imbangala de Angola. (ver vol. 1 do CADERNO DE EDUCAÇÃO).

A ORGANIZAÇÃO INTERNA DAS POPULAÇÕES

Tomamos como exemplo o Reino do Congo onde diferentes grupos culturais Kicongo sob a coordenação de um chefe denominado Wene ou Neni a Lukeni formam o Reino do Congo, Capital Mbanza Kongo, hoje São Salvador. Reino de grandes extensões. Poderoso. Bem organizado.

SOCIEDADE CONGOLEZA

A Sociedade do Reino do Congo era constituída pelo povo e pela Aristocracia.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL E FAMILIAR

As famílias extensas, com base em estrutura matrilinear (em que a sucessão se faz por linha materna) abrigaram filhos, sobrinhos, primos e escravos (no caso das famílias ricas) e a população vivia em casas ao redor dessas Casas Grandes.

COMO ESTAVAM ORGANIZADOS OS REINOS E SUAS POPULAÇÕES DO PONTO DE VISTA ECONÔMICO?

Dotado de economia bem desenvolvida e muito rica, o Reino do Congo possuía uma força produtiva avançada, com base na agricultura, produzia cereais em grandes extensões de terrenos, utilizando-se de enxada e machados. A mão-de-obra era constituída de homens e mulheres (que cultivavam e colhiam). A arte também constituía uma das bases da economia, desenvolvendo o domínio sobre o ferro, madeira, barro e tecidos.



PRINCIPAIS DOMÍNIOS E FORMAS DE OCUPAÇÃO DAS POPULAÇÕES DOS REINOS

Além do trabalho agrícola e da arte, a população do Reino do Congo desenvolvia diferentes forma de trabalho em torno das áreas tradicionais de ocupação. Cultivavam também óleo e vinho de palma, diversificavam a produção de artesanato.

A MOEDA



Havia uma forma de moeda no Reino do Congo denominada NDJIMBO, eram CONCHAS DO MAR.

Havia moedas grandes, médias e pequenas. Cada uma tinha o seu valor. Essas moedas eram encontradas na Ilha de Luanda, que era de propriedade do Rei.

A PRODUÇÃO

A população trocava o fruto do seu trabalho por aquilo que necessitava. Quando havia excedente guardava para possíveis tempos de crise.



AS PROPRIEDADES

As terras, os rios, as palmeiras, as florestas eram **comunitárias**. A propriedade era comunitária, mas o trabalho era individual. Cada um a utilizada segundo as necessidades de trabalho e subsistência. Todos os habitantes do Clã Kanda eram donos em conjunto das riquezas. As minas e o peixe-porco eram do Rei.

As terras eram dos **antepassados**.

O COMÉRCIO

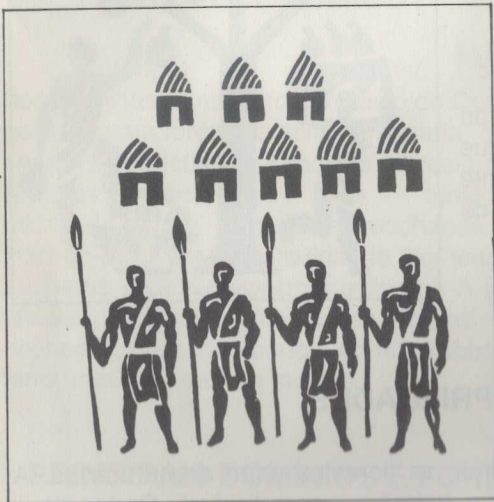
O Reino do Congo comercializava a produção excedente com reinos vizinhos através de viagens em grandes barcos à vela pelo rio Zaire e pela costa do oceano.

O Reino do Congo era dividido em províncias: Mpemba, Soyo, Mbanda, Mbata, Nsundi.

Reinos vizinhos: Angola e Matamba ao sul. Loango, Ngoyo.

O Reino Ndongongo ou Angola - século XIV, um século depois do Reino do Congo.

AS PRINCIPAIS ALIANÇAS E EXPRESSÕES DE RESISTÊNCIA À COLONIZAÇÃO



Tomamos como exemplo o Reino do Ndongo.

No Reino do Ndongo houve forte resistência contra a chegada dos portugueses.

Ngola Kiluange foi um dos reis do Ndongo.

O seu exército conseguiu vencer os portugueses em várias batalhas, embora as suas armas fossem simples arcos e flechas contra as armas de fogo que os invasores brancos traziam.

Tempos depois, Njinga Mbandi tornou-se Rainha do Ndongo. A sua coragem e

inteligência ficaram conhecidas de todo o povo que vê nela o **símbolo** da resistência contra os colonizadores.

Njinga quando sentiu que as forças do seu povo não eram suficientes para combater os inimigos, negociou a paz. Procurou unir vários povos na luta contra a ameaça estrangeira. Diz a tradição que ela enviou armas aos povos ao sul do Kwanza para poderem participar da resistência.

Njinga Mbandi, depois de anos de esforços, conseguiu um grande feito: aliar os povos do Ndongo, Matamba, Congo, Cassanje, Dembos, Kissama e do Planalto Central para lutar contra os colonialistas. Foi essa a maior aliança que se constituiu naqueles tempos antigos. As diferenças e interesses foram assim esquecidos a favor da unidade contra o inimigo comum.

A VIDA COMUNITÁRIA

A comunidade aldeã era constituída pelo povo que se denominava: Senzala-Mbanza.

Os chefes eram chamados Manis - chefes administrativos das

províncias e reinos. Eles também cobravam impostos.

No século XIV essas comunidades atingiram mais de 50 mil habitantes.

Se várias tribos aceitavam um mesmo chefe, então este se tornava rei, estendendo-se a sua autoridade a todo o território que eles habitavam.

Os mestres ferreiros tinham poderes mágico-religiosos. Usavam fornos de argila para fundição.

O sal era usado como moeda de troca. O sal era muito importante para quem vivia longe do mar, por isso grandes percursos eram feitos para obter o sal em troca de outros produtos.

3. CONTRIBUIÇÕES POLÍTICO-CULTURAIS DA CIVILIZAÇÃO BANTU NO BRASIL

Os dois primeiros séculos do tráfico de escravos para as Américas, afirmam a maioria dos pesquisadores, saíram da África Meridional, região BANTU, do Congo, Angola, Moçambique, etc. Esse fato fica comprovado principalmente na língua que hoje falamos, o português, impregnado de palavras de origem BANTU, muitas delas "aportuguesadas", além das lendas, contos, provérbios, adivinhações, manifestações culturais, instrumentos e até mesmo o ritmo que representa a música brasileira o SAMBA - que vem do SEMBA, palavra que em Angola é uma dança.

"No domínio da língua portuguesa do Brasil, observa-se a profundidade e extensão da penetração BANTU através de empréstimos lexicais de origem BANTU que são corriqueiros em todos os níveis sócio-culturais da linguagem brasileira, sem nenhuma consciência de que se trata de palavras africanas", afirma a Profa. Yeda Pessoa de Castro.

Esses empréstimos acham-se tão integrados à língua do Brasil, o que prova a sua maior antiguidade, que formam diferentes derivados portugueses de uma mesma raiz BANTU. Além do SAMBA (sambista, sambar, sambão, sambódromo) MOLAMBO (molambar); MACUMBA (macumbeiro); DENDÊ (dendezeiro); CAÇULA (caçulinha); MACONHA (maconheiro); ANDU (anduzada); FUBÁ (fubazento); QUITUTE (quituteiro), temos ainda: Jiló, corcunda, tanga, sunga, quitanda, capanga, missanga, caçamba, cessar (peneira), dengo, carimbo, calunga, coringa, bunda; alguns menos correntes - mucama, senzala, quilombo e outros mais regionais: mucumbo, babatar (apalpar), longar (apanhar), calundu (mau-humor), quizila, (tabu), etc.

KILOBOS

Kilombo é uma palavra de origem BANTU que, segundo alguns historiadores, significa: "acampamento guerreiro na floresta", sendo entendido como divisão administrativa.

No período do tráfico de escravos para as Américas, existiam na África Meridional diversas formas de organizações dentro da região BANTU - (reinos, estados, chefarias, hordas, sociedades de linhagem, etc.). Afirmam alguns que Kilombo era uma forma em que alguns grupos BANTU estavam se organizando socialmente, mas esse processo fora interrompido abruptamente por conta do tráfico, e aqui no Brasil os povos daquelas regiões tentaram reproduzir aquele processo dentro dos diversos Kilombos que aqui existiram. Segundo pesquisas atuais, Kilombo era um "estado de guerra", estado este vivenciado no Reino da Rainha Njinga em tempo de guerra com os portugueses. A Rainha com toda sua corte, vassallos e soldados, armava acampamento de guerra na floresta, prontos para o ataque ou contra-ataque.

Seja ordenamento político, acampamento guerreiro na floresta, estado de prontidão para a guerra, os Kilombos existentes no Brasil tinham as mesmas intensões e características daqueles da região bantu, ajustados à mesma situação.

Contemporaneamente, o termo Kilombo generalizou-se e ampliou-se refletindo para nós toda e qualquer forma de resistência.

IRMANDADES

Nos séculos XVI e XVII várias irmandades surgiram no Brasil, com vistas a oferecer aos seus membros assistência social, funerária, hospitalar, financeira e educacional.

A Irmandade do Rosário dos Homens Pretos foi fundada por negros de origem BANTU, vindos do Congo e Angola e mais tarde outras etnias se integraram a essa organização.

Isso prova, mais uma vez, que o grupo BANTU foi inicialmente maioria aqui na Bahia, assim como em Alagoas, Pernambuco, Minas, Rio de Janeiro, Maranhão, durante os 2 primeiros séculos do tráfico, a ponto de no século XVI já existirem organizações tão bem estruturadas de resistência dentro da Igreja Católica.

SAMBA

Palavra de origem BANTU, o samba tornou-se com o tempo, o ritmo e a dança que representa o estilo genuinamente brasileiro.

Inicialmente o samba era um culto realizado através de danças ao ar livre, fora do âmbito fechado das casas de culto ao Candomblé.

A dança e a música que os africanos introduziram no Brasil tiveram origem religiosa e mágica. Surgiram dos templos religiosos (axés) e das cerimônias rituais da vida social. A arte "primitiva" não é uma arte pura - "arte pela arte"- no sentido que lhe dão os "civilizados". É uma arte

intimamente ligada à vida do grupo.

"O primitivo" cria pela voz e pelo canto, ajudados do gesto e da dança. Com isso ele se comunica com suas divindades, age sobre os homens, os animais, a natureza.

Entre os BANTU existe uma infinidade de cerimônias onde intervêm a dança e a música. No antigo



Congo, davam os negros o nome geral de MÁQUINA às suas danças. Havia duas variedades principais - a **máquina mafuate** = baile real em homenagem aos monarcas e o **mampombo**, espécie de dança erótica, ligada aos ritos sexuais. Em outras províncias do Congo, essas danças tomavam outros nomes: NPANBUATARI, QUITOMBE, QUISCIA e QUINGARIA.

Em Luanda, todos os atos sociais são acompanhados de música e dança. O feiticeiro utiliza-se da dança e do canto para agir sobre os espíritos e as divindades. As cerimônias fúnebres, as danças guerreiras, as danças de caça e pesca, os ritos de passagem, etc. Outra dança importante dessa região é uma cerimônia chamada KUISSAMBA, dança guerreira de feiticeiros e a UIANGA, cerimônia de caça. Dos ritos sexuais da região BANTU, destacamos uma dança típica de Angola, chamada KIZOMBA - dança nupcial que termina no **in'lemba**, preço da virgindade.

Não somente as danças da região BANTU como das demais regiões

da África negra transportada para o novo habitat, sofreram uma adaptação forçada e caricatural, já que estes negros não podiam aqui celebrar as mesmas cerimônias de suas terras de origem. Danças "primitivas" de guerra, de caça, de ritos de passagem, etc. por conta das restrições do branco, da junção com outros grupos étnicos, adaptaram-se, sobreviveram e vamos encontrá-los disfarçados nos autos dos reisados, maracatus, blocos carnavalescos, ranchos e cucumbis, congos, tayêras, etc.

Mas foi o BATUQUE angola-congolês que maior influência desempenhou na dança brasileira.

Nas terras de origem, o termo Batuque é o nome de uma dança de caráter geral, onde os negros, em círculo, executam passos, "sapateados" em ritmo marcado com palmas e instrumentos de percussão. Segundo descrição de Alfredo Sarmiento, em Luanda e alguns distritos de Angola, o Batuque consiste também num círculo formado pelos dançadores, indo para o meio um homem ou uma mulher, que, depois de executar vários passos, vai dar uma "umbigada" a que chamam de SEMBA, na pessoa que escolhe, a qual vai para o meio do círculo substituindo-o.

Foi essa umbigada ou SEMBA de onde provavelmente se originou o termo SAMBA, de início entendido como sinônimo de batuque. Batuque ou Samba tornaram-se dois termos generalizados para designarem a dança profana dos negros, no Brasil. Mas em outros pontos, tomavam designações regionais, por influência deste ou daquele grupo étnico que forneceu um maior contingente de escravos a esses pontos.

São 17 as danças negras plantadas no Brasil, assim distribuídas:

01. QUIMBÊTE (Minas)
02. SARAMBÉQUE (Minas)
03. SARAMBU (Minas)
04. SORONGO (Minas e Bahia)
05. ALUJÁ (religiosa)
06. JEGUEDÉ (religiosa)
07. CATERETÊ (Minas S. Paulo e Rio)
08. CAXAMBU (Minas)
09. BATUQUE (nome generalizado)
10. SAMBA (Bahia, Rio e Pernambuco)
11. JONGO (Rio)
12. LUNDU (inicialmente dança)
13. XIBA (Rio)
14. CANA-VERDE (Rio)

15. MARACATU (nordeste)

16. CANDOMBLÉ (Bahia)

17. COCO DE ZAMBÊ (R. G. do Norte)

Dentre essas dezessete espécies,

- algumas danças tomam o nome da cerimônia principal, mesmo dançada fora delas: candomblé e maracatu;

- outras danças tomam o nome do instrumento principal usado na dança: caxandu, jeguedé;

- alguns nomes são genéricos: batuque e outros são variantes locais: samba e xiba;

- em alguns lugares, cada nome designa uma dança característica; deixando o nome de ser genérico;

- normalmente as danças são acompanhadas de batemão e cantos, às vezes improvisados, e de vários instrumentos predominando os de percussão;

- certas danças são improvisadas, conforme habilidade do dançarino.

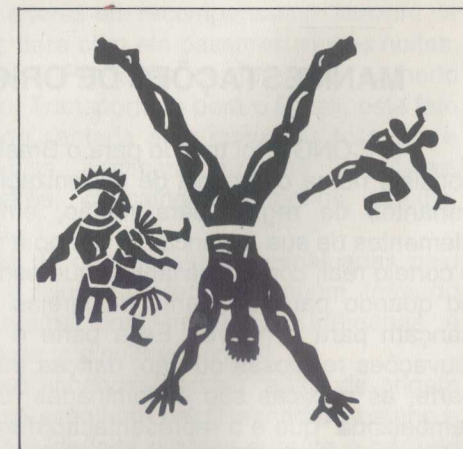
CAPOEIRA

"Tiririca é faca de cotá
Jacatimba moleque de sinhá
Subiava no fundo di quintá

Aloanguê... caba de matá
Aloanguê...

Marimbondo dono de mato
Carrapato dono de fôia
Todo mundo bebê cachaça
Nêgo Angola só leva fama

Aloanguê... Som Bento tá me chamando
Aloanguê...



Pad'e Inganga fechou coroa
 Há de morê
 Parente não me'caba de matá

Aloanguê...

Capoêra, toma sentido
 Capoêra tem fundamento

Aloanguê...

A maioria das cantigas mais antigas da CAPOEIRA sempre fazem alusão à sua terra de origem: Angola, Luanda (Aruanda), além de palavras a exemplo de Inganga, que denuncia a sua origem.

Além das músicas, sabe-se que a Capoeira foi muito praticada nos Kilombos, os quais eram formadas na sua maioria pelos BANTU. O principal instrumento da Capoeira chama-se URUCUNGO, transportado para o Brasil, sendo hoje denominado berimbau, por conta do arco de madeira flexível (biriba), preso às extremidades por uma corda e na parte inferior uma cabaça. Hoje já podemos afirmar que a capoeira foi trazida para o Brasil pelos negros de Angola.

MANIFESTAÇÕES DE ORIGEM CONGO-ANGOLÊS

O CONGO foi trazido para o Brasil pelos escravos da região BANTU e consiste numa cerimônia de entronização do rei. O bailado do Congo sofre variantes de região para região, embora mantenha intactos todos os elementos de sua essência. O Congo é dividido em duas partes: a primeira é o cortejo real, com os bailarinos que percorrem as ruas acompanhando o rei, ou quando parados diante de igrejas ou casas de pessoas importantes, dançam para o rei ver. Essa parte é livre - canta-se canções, marchas, louvações religiosas ou não, danças tribais, coreografias puras, etc. Nessa parte, as músicas são denominadas "cantigas" e na 2ª parte chamam de "embaixada" que é a representação duma embaixada de paz ou de guerra - geralmente de GUERRA.

Os congos se espalharam por todo o Brasil demonstrando a vivência dos BANTU nas suas terras de origem e sua continuidade aqui no Brasil, a necessidade de terem um Rei, real ou fictício. Maranhão, em todo o

Nordeste, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Mato Grosso, Goiás e até nas Antilhas. Em Cuba reis e rainhas congo-angolês proliferaram tanto nos engenhos como na cidade.

CUCUMBIS

Por ocasião do "entrudo" (Carnaval) e das festas de Natal, vários ranchos (bandos) de negros, vestidos de penas, tocando instrumentos rústicos de percussão, dançando e cantando, percorriam as ruas da cidade ou povoado. Cantavam na *sua língua*, tinham a face banhada e o nariz deformado por uma crista de tubérculos que descia da testa até o meio do lábio superior. Na Bahia este grupo foi denominado **CUCUMBIS** e nas demais regiões como **congós**. O enredo dos congós resume-se na história de um Rei do Congo que confiou os seus filhos, para ser circuncisado, a um grupo de príncipes, princesas, feiticeiros, intérpretes, povo em geral. Esse ritual, costume daquela região, era feito na floresta. De volta da floresta, este cortejo que conduzia os mamêto (crianças) circuncisados com lasca de taquara, é atacada por um grupo inimigo e o filho do rei é flechado mortalmente. Sabendo da notícia, o rei ordena que venha à sua presença o mais famoso feiticeiro da região para ressuscitar seu filho. O rei diz ao feiticeiro: "ou darás a vida a meu filho e terás em recompensa um tesouro de miçangas e a mais bela das mulheres para com ela passares muitas noites; ou não darás e te mandarei degolar". Pra' sorte do feiticeiro, o morto levanta-se para alegria de todo o reino. Transportado para o Brasil, este fato se transforma numa manifestação toda cantada e os cucumbis festejam a vida do filho rei cantando diversas cantigas, quadras populares, acompanhadas por gauzás, chequerês, chocalhos, tamborins, adufos, agogôs, marimbas e os pianos de cuia.

São inúmeras as manifestações de origem BANTU espalhadas pelo Brasil: de guerras, coroações de reis e rainhas na terra de origem, fatos do cotidiano, lundus, moçambique e outros com influências indígenas e européias, mantendo ainda elementos da sua cultura original.

Contos, cantigas, quadrinhas, adivinhações, lendas, autos de origem africana, especialmente dos BANTU, se espalham pelo Recôncavo baiano e por todo o Brasil, difundidas pelas mães-de-leite e amas durante o período do Brasil colonial. Nos engenhos, nas senzalas, nos Kilombos, na casa grande, nas raras horas de descanso, o negro escravo ou "livre" dos Kilombos, embalados pela saudade das suas terras, nos deixaram este

arsenal que hoje, em condições um pouco mais favorável temos a obrigação de preservá-la e difundí-lo.

Só no Recôncavo baiano (Santo Amaro, Cachoeira, São Felix, Muritiba, etc.), Silva Campos levantou 36 contos de origem BANTU. Dentre estes, seis contos são do ciclo do QUIBUNGO: "A aranha caranguejeira e o Kibungo", "A menina e o Kibungo", "O Kibungo e o menino do saco de penas", "Titi Maruê", "O bicho cumujarim", "O bicho homem". O Kibungo é uma espécie de cão selvagem, um lobo fantástico, que tem enorme buraco nas costas por onde costumava comer crianças que ficam acordadas durante as saídas noturnas desse animal. Este equivale ao "bicho-papão", ao "Tutu Marambaia" dos acalantos infantis.

Dezenas de outras formas de literatura BANTU fornecidas ao Brasil hoje fazem parte do rico folclore (negro) brasileiro: JISABU (adágios e provérbios), MISOSO (apólogos), JINONGONONGO (enigmas e adivinhações), MABUNDA (cantigas usadas nos batuques), JISELENGENIA (sátiras e ditos populares).

Toda essa cultura foi transmitida de geração a geração, tendo no seu conteúdo marcas do nosso passado ancestral, além de lições de vida, ensinamentos e respeito ao mais velho.

PROVÉRBIOS EM KIBUNDO (Língua Bantu)

- MUNTU CAIKIPE CHIÁ UCUEZA CUNHIMA
(Ninguém conhece o futuro)
- MAZUI MACÚIA NI RUQUINDO
(As palavras vão com o vento)
- ANCHI MUDILE UÁ MÚDIA
(Se comeu está comido)
- UCUSALA UAQUENE DIGINA DIEI, CUIA MUTURO
(Faz grande o teu nome, vai dormir)
- NI KURIA NI KURIAIA
URIA, ANGA URIAJA
(No comer e coçar, tudo está no começar)

PROVÉRBIOS DE ANGOLA

- MUZUERI RONENE KALUNGUÊ
(O falador grande não tem razão)
equiv. português: cão que ladra não morde
- UKEMBU UÁ PÉTU, MOXI ISUPA
(Beleza de almofada, dentro trapos)
equiv. português: por fora cordas de viola, por dentro pão bolorento.
- UKAMBA UA NDIINGUE UPUNDA MUXANGA
(Amizade de criança nasce no apanhar lenha)
equiv. português: de pequenino se torce o pepino.
- KUBA KI KUTEXI Ê, KUENDA KI KUJIMBIRILÊ
(dar não é desperdiçar, andar não é perder-se)
equiv. português: fazer bem, não cates a quem.

ADÁGIOS

- FUMA RIAFUMANENA O MBEMBA*
*MBEMBA KASUBIÊ KILENDE
(pagaio come milho, periquito leva a fama)
- O KIMA KATALE O MUKILA UÊ
HIMA KATALIÊ KU MUKILA Ê
(macaco não olha para seu rabo ou macaco só olha pro rabo dos outros)
* MBEMBA ANGOLENSE é um pássaro que neste provérbio, substitui o periquito brasileiro.

ADIVINHAS (Angola)

Pergunta: MUATA ULELE PAXI, ICANGA UBAMBELE
CUURO NÂNHI?

(Quem é o senhor que dorme sobre a terra coberto por
cima com esteiras?)

Resposta: QUINHANGUA
(Abóbora)

Pergunta: CHIÁ CUSSEDA UACADICUTULA?

(Quem carrega sem arrear?)

Resposta: LUTALA
(Tarimba, espécie de prateleira)

Pergunta: CHIÁ UASSUPA NI UCHUCO UACÁDI CUSSÚLA

(Quem é que está passeando de noite sem parar?)

Resposta: MEMA MA UÍTO
(Água do rio)

**ALGUMAS PALAVRAS DE ORIGEM BANTU
E O SEU SIGNIFICADO**

| | |
|---------------------------|--|
| BAMBÁ..... | = bamba |
| BANGUELA, BANGELA..... | = faltando dentes |
| DENDE..... | = dendê |
| GANZA ZUMBA..... | = chefe maior |
| BABATA, BABATAR..... | = apalpar |
| KABULA, CABULA..... | = ritmo, toque |
| KAMBA..... | = amigo |
| KANGA..... | = amarrar |
| KASIMBA, CACIMBA..... | = poço, fonte |
| KASULA..... | = irmão(ã) mais novo = menor de idade |
| KIKETE..... | = ferro |
| KILOMBO, QUILOMBO..... | = acampamento |
| KITANDA, QUITANDA..... | = mercado |
| MUSSIQUE, MUSIKE..... | = tocador |
| MUZUÁ, MUNZUÁ..... | = covo feito de taliscas de taquara ou bambu |
| NGANGULA, INGANGULA..... | = inteligente |
| NGANGULA IKETE..... | = ferreiro inteligente |
| NGOMA, INGOMA, BOMBO..... | = tambor |
| PIKULA, PICULA..... | = correr |
| SANZALA, SENZALA..... | = acampamento de trabalhadores |
| SEMBA, SAMBA..... | = adorar, tipo de dança |
| TAMBA..... | = ensaiar um passo |
| TAMPA..... | = cobrir |
| ZUELA..... | = falar |
| WANDU, ANDU..... | = tipo de feijão verde |

4. AS CANÇÕES DO ILÊ AIYÊ / 1996

HERANÇAS BANTOS

Paulo Vaz e Cissa

*Eu vim de lá
Aqui cheguei
Trabalho forçado
Todo o tempo acuado
Sem ter a minha vez*

*Dos grandes lagos
Região em que surgiu -
Os Bacongós, os Bundos
Balubas, Tongas, Xonas, Jagas, Zulus -
Civilização Bantu que no Brasil concentrou
Vila São Vicente canavial de presente
Pau Brasil Salvador*

*Cada pedaço de chão
Cada pedra fincada
Um pedaço de mim
Ilê Aiyê,
O povo Bantu ajudou
A construir o Brasil.*

*Pedra sobre pedra
Sangue suor no chão
Agricultura floresce.
Metalurgia aparece.
Candomblé religião
Irmandade Boa Morte.
Rosário dos Pretos Zumbi lutador
Lideranças firmadas
Que apesar do tempo, o vento não levou.*

*Um legado na dança
Influência no linguajar
Sincretismo na crença
Na culinária o bom paladar
Tristeza Palmares, Curuzu alegria. Ilê Aiyê liberdade
Expressão Bantu e viva da nossa Bahia.*

ILÊ METAL

Alberto Pita/Aloísio Menezes

Tecnologia do ferro
Conhecimento engenharia
Sabedoria ancestral
Bantu Angola na Bahia

Processo civilizatório do Ilê Aiyê
Doutores sem anéis
Sabiam como fazer
Fio da lâmina metal,
Corte profundo transcendental.

Se a pena pesa
Tanto quanto o ferro
É algo a se pensar
Tal equilíbrio evidenciado
Ogum e Oxalá

Roma negra Orixalá
É a fé que faz vencer
Capela sistina
É a saída do Ilê,
Olhe pra cima.

RAÍZES DO POVO BANTU

Luiz Bacalhau

Há trezentos anos
O africano Zumbi
Líder dos negros
Sucumbiu
Toda nação africana chorou
Chorou, chorou
Assim como chorou
O povo do nosso Brasil.

Zumbi
Nesses 22 anos
Jamais o Ilê te esqueceu
Sempre exaltando a cultura
De um povo amigo
Que sempre sofreu

Salve Zâmbia
Moçambique,
Congo , Zimbabwe,
Raízes do povo Bantu
Irmanados ao Ilê Aiyê.

NOVEMBRO

Ithamar Tropicália

Auê, auê, auê
Le le le le le o o o
Ilê Aiyê
Ilê Aiyê 22

Vai novembro lá
Vem novembro aqui
22 anos de Ilê Aiyê,
e 300 anos de Zumbi
Ilê Aiyê
Ilê Aiyê 22

Dó ré mí fá só
Fá lá sí dó Ilê Aiyê
Civilização Bantu da dó
Ilê Aiyê são negros temperados pelo sol.

Deu meia-noite hora do Ilê Aiyê passar
Sem perceber a noite virou dia
Quem não sair no Ilê Aiyê vai chorar
Ver tão bonita minha fantasia
De tão bonita minha fantasia
Você já tem a sua
Se ainda não tem
Pegue uma agora mesmo
Saia de Ilê Aiyê meu bem
Auê ee auê auê auê le le le le le o o o
Parabéns a Ilê Aiyê,
22 anos de resistência
Ser não só na cor
Mas também na consciência
Parabenizamos a maioria,
Do Ilê Aiyê,
Nos 300 anos de Zumbi
Canta eu canta você.

MÃE ÁFRICA*Valter Farias e Adailton*

Mãe África

Que o destino nos uniu
Hoje todo mundo canta
Com esta raça varonil

Pela cor do pano
Nota-se que sou africano
Sou Ilê Aiyê
E venho saudando povos Bantus

Seu canto que traz toda esta soberania
Transformar África em poesia
Só você Ilê Aiyê
Mantu caikipe chia ucueza cunhima
Ninguém conhece o futuro
Ninguém pode prever
Provérbios Mazui Macuia Niruquindo
As palavras vão com o vento
No canto do Ilê Aiyê

Pra falar da África, só você Ilê Aiyê
Vá mostrar para o mundo
Que povo Bantu é você.

UNIVERSO BANTU*Mercês Maria Santos Costa*

Olorum, Olorum
Igba, Igba
Ibere, Ibere
Esse é o Ilê Aiyê
Que eu venho cantar
Para você.
Eu falo de consciência
Força e libertação
Da raça negra
A opressão do Saara
E o refúgio dos negros Bantus
Para África ocidental

Liberdade, liberdade,
Liberdade e libertação
Da raça negra

Zimbabwe,
Moçambique eh!
Angola eh!
Ilê Aiyê!

A sobrevivência dos negros Bantus
Utilizando o ferro
Na arte de criar
Ferreiros
Símbolo de evolução
E tecnologia
No resgate de novas terras
Lá no norte da Nigéria
Os negros criaram seu universo.

RAÇA / PIRRAÇA*Tita Lopes e Valmir Brito*

Você explica mas não justifica
 Porque subestima meu jeito de me dar
 Você me machuca e até me acusa
 Me transforma em réu pela cor

Eu quero um instrumento tocar
 A minha viola e que não seja a dor
 Na consciência da inconsequência
 De quem não se tocou

Quiseram fazer de mim
 De coisa que não se faz
 Hoje é dia de graça
 Ilê está na praça
 Nem me lembro mais

O povo só vive da fé,
 Da vida esperar salvação
 Isso é jogo de gala, isso é carta marcada,
 Isso é contravenção
 Isso é jogo de gala, isso é carta marcada
 Eu não vou me entregar.

Iemanjá nas ondas do mar pode ver
 Iemanjá vem pra me guiar me valer

Na areia seu filho chama por você,
 Mamãe sereia oferenda de amor tem que ter
 E na beira do mar, vem pra me guiar me valer
 Na beira do mar, sabara vendá
 Vendá uê.

DESFILANDO EM GALA*Vânia Amaral*

Escureceu
 Sábado de carnaval,
 É lindo ver
 O Ilê fascinar os corações
 De toda raça
 Na mesma rota

É levanta a poeira e balança
 É levanta a poeira
 E balança a massa
 No chão da praça
 Afro negro Ilê Aiyê,

Sou mais belo
 Pode crer
 Vem correndo pra me ver
 Desfilando em gala
 De um novo dia
 Curuzu é meu forte,
 O orvalho faz parte
 Da nossa rotina.

ZAMBIAÊ

Caj Carlão / R. Carvalho

Hoje não piso em falso
 Nem falo acanhado não
 Trago na força a fé
 Que meu pai me mandou
 No ritual do destino
 Confraternizo o calor
 Sou militante das ruas
 Rei de Salvador
 Que bom negro bonito
 Ver você bem viver
 Crescer crescer crescer
 Livre no caminhar
 E nunca vacilar
 Cantar cantar cantar
 É bom te ver amanhecer
 Livre estudar acontecer
 Permanecer cabeça erguida
 A zumbir vencer vencer
 Zum zum zum
 Zum zum zumbilê,
 Zambiaê zambiaê ilê.
 Zum zum zum
 zum zum zumbilá
 Zambiaê zambiaê ia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Leia mais sobre o processo civilizatório Bantu no Brasil:

Folclore Negro no Brasil, de Artur Ramos.

As Culturas Negras no Novo Mundo, de Artur Ramos. Companhia Editora Nacional. São Paulo.

Cultura Popular Brasileira, de Alceu Maynard Araújo. Edições Melhoramentos.

Antologia do Folclore Brasileiro, de Luis Câmara Cascudo. Livraria Martins Editora.

Contos Populares da Bahia (Aspectos da obra de João da Silva Campos), de Ieda Pessoa de Castro.

A Influência Africana no Português do Brasil, de Renato Mendonça.



APOIO:



CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR
Presidente
João Carlos Bacelar

BRASILGÁS

